

Teatro capixaba, anos 70: um tempo de boas safras

*Crítica
a crítica*

Tinoco dos Anjos

O teatro capixaba praticamente nasceu com a década de 70. Antes não havia locais para apresentação e tudo que foi feito não teve continuidade. Nos anos setenta foi criada uma federação para abrigar os diversos grupos, surgiram alguns autores e o grande problema continuou sendo conquistar o público, influenciado pela televisão e sempre disposto a comparar os espetáculos locais com as montagens profissionais importadas. Naquele período, o espectador pouco comparecia para assistir ao teatro capixaba exceto nas mostras anuais promovidas pela Ufes. A década se encerrou com o desafio para os grupos de continuar tentando conquistar o público, a necessidade de fortalecimento da entidade de classe e a luta pela criação de uma escola que fornecesse a quem desejasse fazer teatro o mínimo de informação que pudesse evitar equívocos.

A década de 70 foi importante para o teatro capixaba e, de uma maneira geral, para toda arte que se fazia aqui, pois foi nesse período que nasceu a Fundação Cultural do Espírito Santo. A reinauguração do Teatro Carlos Gomes, a 15 de dezembro de 1970, no Governo de Cristiano Dias Lopes, foi o estímulo inicial para que o teatro capixaba tomasse forma, mas o acontecimento teve também sua conotação social: o Carlos Gomes passou a ser um palco para o exibicionismo do *society* local. Até então, o teatro no Espírito Santo se limitava a encenações esporádicas, em bairro, da vida de Cristo, além das apresentações episódicas do heróico Grupo do Teatro-Escola de Vitória, liderado por Flodoaldo Vianna e sua mulher Dirce, que aos poucos foi diminuindo suas atividades.

Com a reinauguração do Teatro Carlos Gomes, um teatro muito luxuoso que causava boa impressão aos visitantes, teve início a importação de espetáculos e, nesse campo, a década foi generosa para o público capixaba, atendendo a todos os gostos. Nos primeiros meses, estrearam nacionalmente no Carlos Gomes as montagens de *Assim é se lhe Parece*, de Pirandello, com Paulo Autran e *A Mãe*, de Witkiewicz, com Teresa Rachel.

LIDERANÇAS

Por sua capacidade, algumas pessoas assumiram a liderança do teatro capixaba nos anos setenta: Luiz Tadeu Teixeira, Milson Henriques, Antônio Carlos Neves, Gilson Sarmento e Paulo Bob de Paula. No início da década, Tadeu e Milson apresentaram, sob a direção de Paulo Torre, o espetáculo *Mordaça*, no antigo Teatro do AEL, que foi um dos maiores sucessos de bilheteria já registrados. Tadeu fazia crítica teatral, criou um grupo (o Teatro Aberto), montou *Antígona*, de Sófocles, em 77, no ex-teatro da Scav, na Beira-Mar. E foi trabalhar na Fundação Cultural, como coordenador de atividades teatrais. Milson, o maior nome do teatro capixaba no período e um artista versátil, deu uma grande contribuição, como autor, diretor e ator. Trabalhou com estudantes, dirigiu um grupo ligado ao Teatro Carlos Gomes, responsável por diversas montagens infantis (*O Gato de Belém*, de Walmir Azeite, foi o primeiro espetáculo a pagar cachê aos atores, isto em termos de grupo). Milson escreveu e montou várias peças infantis.

Toninho Neves, depois de fazer teatro em Vitória na década de 60 com o Grupo Geração, voltou ao Brasil após vários anos estudando teatro e cinema na Rússia, e montou seu grupo. A Fundação Cultural inaugurou o Teatro-Estúdio no edifício das Fundações e Toninho passou a dirigir o grupo que se formara. Dele surgiram *Beijo no Asfalto*, *O Capeta de Caruaru* e *O Santo e a Porca*. Antes, com o nome do grupo Geração, ele montara *O Inspetor Geral* e,

A abertura da exposição Teatro Capixaba: Anos 70, dia 24 de abril, no Carmélia, mostrará um pouco do que se fez na década mais fértil para as artes cênicas em Vitória. Na mesma ocasião, será lançado o catálogo Dramaturgia Capixaba, contendo informações sobre a maioria dos textos teatrais escritos no Estado nos últimos 20 anos.



O Inspetor Geral, Grupo Geração

depois de se afastar do grupo do Teatro-Estúdio, *Alinhavo* e, no final da década, *A Revolução de Caranguejos*, texto de sua autoria. Gilson Sarmento, professor, diretor e ator de teatro, começou dirigindo o grupo do Carlos Gomes, montou várias peças infantis, com incursões pelo teatro adulto (*A Cantora Careca*). Quando se transferiu para a Universidade Federal do Espírito Santo e lá passou a dirigir um grupo de bolsistas em teatro, formou atores talentosos e montou *O Noviço*, *As Sabichonas*, *O Pedido de Casamento*, *O Urso* e *O Jubileu*. Gilson estimulou o interesse dos universitários pelo teatro.

Paulo e Bob de Paula, pai e filho, criaram o Grupo da Barra, atraindo para o teatro pessoas que não faziam parte do círculo restrito da capital. Paulo escreveu e montou *Anchieta: um Depoimento*, um espetáculo importante em termos de documentação. Ele já havia feito teatro em Vitória na década de 50 e depois foi morar no exterior. Bob de Paula, que vinha de experiências teatrais em Manaus, foi ator e escreveu e montou *A Sereia de Malpe*, inspirado em uma lenda capixaba.

Um fato que marcou a década no teatro capixaba foi a criação das mostras anuais da Ufes, a primeira realizada em 76. Surgiram nesse evento nomes como Robson Moreira, Robson Silveira, Renato Saudino, Carlos Magno Godoy, Marta Baião. Nas três vezes em que foi realizado no Carlos Gomes, a mostra sempre contou com um público doméstico, muito entusiasmado. O problema é que os espetáculos das mostras não tinham continuidade. Nos anos 70, o teatro local começou a adquirir também uma consciência de classe e a se organizar. Em outubro de 76 foi criada a Federação Capixaba de Teatro Amador (Fecatá), contando inicialmente com mais de dez grupos filiados. O primeiro presidente foi Antônio Rosa, o Pepino.

CONTRIBUIÇÕES

Outras pessoas que contribuíram para dar vida ao teatro capixaba na década de setenta: Robson Silveira criou o Grupo Ponto de Partida, um dos mais bem-sucedidos de nossa história artística e que começou com *Flicta*. Renato Saudino (criador do grupo Terra), Beth Caser (revelação da atriz em *A Grande Estígemê*, Vera Viana (estreando como autora com a peça *A Fila Eterna*). Houve também as experiências de vanguarda de Carlos Magno Godoy (*O Marinheiro*, *Bumba meu Bucho*), Oscar Gama (*A Mãe Provisória*, *Estação Treblinka Garden*), Agostinho Lazzaro (*O Mundo Composto*, *O Eu Profundo e os Outros Eus*). Com humildade e pouca informação cultural, surgiram grupos compostos por pessoas como

Darcy Barbosa (*Estátuas Humanas*) e Ricardo Barnabé (*Zona-Princípio e Fim do Estácio*).

Entre os poucos autores surgidos no período, está Luiz Cláudio Bianchi, que lançou *A Louca*, *Trágica e Fantástica Busca dos que Esperavam Encontrar* e *E Foram Felizes para Sempre*, peça que era um arremedo de crítica e revelou a talentosa atriz Geisa Ramos. Em novembro de 1977, um espetáculo chamou a atenção do público: *Abre a Janela e Deixe Entrar o Ar Puro* e *O Sol da Manhã*, de Antônio Bivar, com direção de Marien Calixte e reunindo no elenco Mariangela Pellerano, Milson Henriques e Vitorina Gonçalves. Uma montagem em ritmo profissional, caracterizada pela ousadia. Outro fato que merece registro foi o retorno de alguns veteranos de nosso teatro, como o pioneiro grupo Teatro-Escola de Vitória (*O Gato de Botão*), o grupo da Associação Ludovico Pavoni, do bairro de Santo Antônio (*O Sonho dos Séculos*), Assis Pamplona (*O Cordão Umbilical*).

Apesar do empenho da fecata, os grupos do interior do Estado não se filiaram à federação na década de setenta, nem aceitaram o intercâmbio proposto. A honrosa exceção ficou para o Grupo União, de Montanha (*O Rico Avarento*, *A Menina que Perdeu o Gato Enquanto Dançava o Frevo na Terça-feira de Carnaval*), dirigido pelo incansável Sebastião Alves dos Santos. O grupo da Escola Técnica Federal não deixou morrer o teatro infantil, montando no período *A Viagem de um Barquinho* e *A Lenda do Vale da Lua*, com direção da professora Leda Carvalhinho.

A década de 70 deixou em branco dois grandes projetos do teatro capixaba: a construção de um teatro de arena, que seria no antigo Mercado da Capixaba e a montagem de *Quemados*, na versão de Milson Henriques e Amylton de Almeida. Uma idéia que só se concretizaria na década seguinte foi a dos concursos de textos teatrais. No início dos anos 70, Milson Henriques havia organizado o primeiro festival de teatro capixaba, premiando *Lennon e McCartney*, de Paulo Torre, *Os Fulanos*, de Carmen C6 e *Fausto 70*, de Ewerton Guimarães.

O autor é jornalista e foi crítico de teatro do Caderno Dois de A Gazeta nos anos 70. O texto publicado nesta página é a síntese de uma avaliação feita por ele no final da década e publicada na edição de 31/12/79 de A Gazeta.



TEATRO

Bob De Paula

I Encontro Capixaba de Teatro Amador

O Grupo Ludovico Pavoni apresentou na última segunda-feira a peça "O Sonho dos Séculos" de autoria do capixaba Humberto Delmaestro, peça que segundo o autor é uma tentativa modesta no vasto campo da arte, com o objetivo de mostrar o excesso de soberba e vaidade que reveste o homem moderno e lembrar aos governantes que os frutos da humildade são doces. O Grupo Ludovico Pavoni, segundo informações de programa da peça, vem desde 1941 fazendo teatro amador em Santo Antonio, e já encenou "O Milagre do Calvário", "Aluga-se Um Cemitério", "Marcos O Pecador", "A Carteira Fatal", "O Tesouro", "A Flauta Mágica", "O Boteco de Seu Joaquim" e "O Sonho dos Séculos". Além das apresentações tradicionais em Santo Antônio, onde o grupo tem um público garantido, já apresentaram estas mesmas peças em várias cidades do interior, como São Mateus,

Conceição de Castelo, Venda Nova, João Neiva e Domingos Martins.

"O Sonho dos Séculos", apresentada segunda-feira no Teatro Carlos Gomes, não faz justiça a esse curriculum tão extenso do Grupo Ludovico Pavoni, devido à fraca interpretação dos atores, onde se sentia que a direção falhou em transmitir a mensagem da peça aos integrantes do elenco, que fizeram uma representação recitativa, tipo jogral de escola primária, e sem sentimento das palavras faladas, das idéias que o texto transmitiria, e nisso, nem o cenário e figurinos bem cuidados pode ajudar. Com a exceção de Umberto Vassena, que deu expressão demais ao seu personagem de presidente, fazendo lembrar Charles Chaplin em "O Grande Ditador" o que não parece ter sido a intenção da direção, os outros atores pareciam bonecos rígidos passeando pelo palco e falando frases cortadas sem

nenhuma intonação.

Talvez se Humberto Del Maestro, autor e diretor da peça, acordasse e voltasse à realidade, ele veria que não se pode fazer teatro hoje nos mesmos termos em que era feito em 1941.

Hoje sexta-feira, às 21 horas no Teatro Carlos Gomes, a peça "O Santo e a Porca" de Adriano Suassuna, dirigida por Antonio Carlos Neves e apresentada pelo Grupo Geração. No elenco estão Adalberto Mota, Celso Oliveira, Heloisa Hoffman, Jeanete Zapala, José Augusto Louzeiro, Laura Lustosa e Milton Neves. Não percam.



Robson Moreira em "Muro de Arrimo", ótimo espetáculo e ótima interpretação.



Humberto Vassena e Alberto Noronha Lacerda em "O Sonho dos Séculos" de Humberto Del Maestro.

No Centro de Artes Homero Massena e na Galeria de Arte e pesquisa da Ufes, continua a Coletiva Capixaba de Artes, até 30 do corrente. Este é o mais importante acontecimento artístico do ano. A mostra revela as tendências da arte local neste final de ano. Num trabalho conjunto das duas galerias com a assessoria de: Delton Souza, Jerusa, Margarida Gueiros, Samú, Maria Helena Lindemberg, Seliégio Gomes Ramalho e Yara Mattos, foi possível reunir cerca de 150 trabalhos de 35 artistas.

Não houve seleção no sentido júri-salão, mas, somente uma redução do número de trabalhos, para possibilitar melhor utilização dos espaços disponíveis. Assim cada artista participa com apenas três obras. São expositores: Aldmar Boff, Carlos Chenier, Kieber Galvêas, Bruno, Dan Mendonça, Roides Coelho, De Paiva, Moura, Delton Souza, entre outros.

Continua na Ornato Decorações av. N. S. da Penha 1277, a exposição dos mais recentes trabalhos da primitivista capixaba Nice. São trabalhos de intensa beleza, que não podem deixar de ser vistos, pelos admiradores da arte no Espírito Santo.

No Centro de Artes da Barra do Jucú, continua a coletiva de artistas capixabas. Na coletiva estão reunidos trabalhos de importantes artistas plástico e artesãos capixabas.

Na última quarta-feira, dia 20, às 20hs, houve a abertura da primeira exposição dos alunos do Atelier, de Arte Livre "José

